



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **30/07/2018**

Aprovado em: **02/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.12.10>

Percepção de psicólogos escolares sobre a inserção deste profissional na educação básica.

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

MILENA ARAGÃO

## RESUMO

O presente texto é fruto de um recorte do projeto de pesquisa intitulado Inserção da Psicologia Escolar na educação básica em Aracaju/SE: Formação; contextos e práticas. Neste artigo, foi escolhido abordar a percepção de psicólogos escolares sobre os motivos que levam à escassa presença de profissionais de psicologia nas escolas. Como caminho metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva e qualitativa, tendo como público alvo psicólogos escolares. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Como resultado, os entrevistados concordam que os gestores resistem em contratar psicólogos em decorrência da falta de esclarecimento sobre a real atividade deste profissional no universo escolar. O texto foi concluído com uma reflexão crítica sobre a Psicologia Escolar na contemporaneidade. Palavras-chave: Psicologia Escolar. Papel Profissional. Atuação Profissional

## ABSTRACT

The present text is a result of a research project titled Insertion of School Psychology in basic education in Aracaju / SE: Formation; contexts and practices. In this article, it was chosen to approach the perception of school psychologists about the reasons that lead to the scarce presence of psychology professionals in schools. As a methodological path, a field research was conducted, exploratory, descriptive and qualitative, with the target audience being school psychologists. The semi-structured interview was used as a data collection instrument. As a result, respondents agree that managers resist contracting psychologists because of the lack of clarification about the real activity of this professional in the school universe. The text was concluded with a critical reflection on the School Psychology in the contemporaneity. keywords: School Psychology. Professional Paper. Professional performance

## Palavras iniciais

A história da Psicologia revela a íntima relação da clínica na construção identitária do profissional de psicologia, fato que teve decorrências em sua inserção no campo escolar, tendo em vista as primeiras atividades do psicólogo na escola, terem sido as de medir e classificar as habilidades e inteligência dos estudantes, fazendo uso de testes e escalas; bem como diagnosticar e tratar crianças que apresentassem problemas de aprendizagem, aproximando-se de um modelo médico de atuação. (SOUZA, 2008; LIMA, 2005; ANTUNES, 2008).

A postura clínica no ambiente escolar manteve-se presente do final do século XIX até a década de 1980, com características singulares em cada período, porém, mantendo a perspectiva da classificação, diagnóstico e tratamento do estudante. A partir da década de 1980, houve um movimento com vistas a repensar as bases teóricas e práticas da psicologia no que tange a sua inserção na educação formal, rompendo com o modelo clínico, patologizante, o qual não respondia as demandas sócio-educacionais. Uma literatura pioneira que representa as discussões do período é o livro redigido por Maria Helena Souza Patto e publicado em 1984, com o título: "Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar". Nele, a autora tece severas críticas a formação e atuação do psicólogo na escola, defendendo necessidade de uma ação coletiva, na perspectiva relacional, partindo-se do pressuposto de que o fenômeno psicológico é construído a partir das relações do sujeito com o contexto que o cerca. (SOUZA, 2008; LIMA, 2005; ANTUNES, 2008).

Cabe salientar que na escola o contexto é complexo e multifacetado, exigindo a superação da visão clínica, bem como o desenlace com a idéia de que ao docente é atribuída a função de ensinar conteúdos e ao psicólogo, o cuidado com o comportamento do estudante. Atuar de forma relacional significa interligar os processos psicológicos aos processos pedagógicos, caminhando em parceria com os demais atores escolares, como docentes, gestores, estudantes e famílias, bem como investir na interlocução com outras áreas do saber, como a Pedagogia, a Sociologia e a História, por

exemplo. (SOUZA, 2009; LIMA, 2005, ANTUNES, 2008)

Diante disso, a Resolução 13/2007 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), é categórica em afirmar que o psicólogo que exerce atividades no âmbito escolar deve realizar uma gama de ações que perpassam e ultrapassam as atividades anteriormente desenvolvidas, como, por exemplo: Pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou corretiva em grupo e individualmente. A dimensão da pesquisa imprime uma característica investigativa, retirando do estudante e família a única responsabilidade pelos problemas existentes. (BRASIL, 2007)

Destaca-se, no entanto, que apesar dos trinta anos de debates e pesquisas sobre a importância da perspectiva crítica, colaborativa e relacional na atuação do psicólogo escolar, ainda é possível encontrar o modelo clínico, carecendo de uma postura interdisciplinar, a fim de agir em parceria com os outros profissionais da escola, integrando os conhecimentos da psicologia com outras áreas do saber, com vistas a propiciar a compreensão da realidade escolar e colaborar com o desenvolvimento intelectual, social e emocional dos sujeitos que compõe a escola. (SOUZA, 2009; LIMA, 2005; PETRONI e SOUZA, 2017)

Todavia, será que a psicologia realizada nas décadas de 1980 e anteriores e reforçada por psicólogos escolares traduz-se em um obstáculo na contratação de psicólogos. Será que as mudanças sociais requerem uma psicologia de viés sistêmico, mas, como esta não tem sido realizada nas escolas, os gestores não percebem sua importância

Visando responder a estas e outras interrogações, a presente pesquisa visa examinar a percepção de psicólogos escolares sobre a inserção da Psicologia Escolar na educação básica em Aracaju/SE. Como caminho metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo, exploratória, descritiva e qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada com 16 psicólogos escolares atuantes em Aracaju/SE. Espera-se, com esta pesquisa, proporcionar um olhar crítico-reflexivo para a inserção da psicologia nas escolas.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma pesquisa que se caracteriza como exploratória e descritiva, pois é pautada na descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, cujo conhecimento científico é legitimado pela qualidade da expressão do(s) sujeito(s) e não pela quantidade desses (SOUZA, 2010).

A pesquisa foi realizada por meio de entrevista individual com 16 profissionais de psicologia que atuam em escolas particulares de Aracaju/SE, tendo em vista apenas este locus poder contratar livremente profissionais, ao contrário da rede pública, o qual o faz apenas por concurso. Cabe destacar que os participantes dispuseram-se voluntariamente, a participar da pesquisa. O critério de escolha dos sujeitos pesquisados foi o trabalho do (a) psicólogo (a) junto ao corpo técnico da escola como Psicólogo(a) Escolar e Educacional. Como critério de inclusão participaram da pesquisa somente psicólogos atuantes em instituições de ensino da cidade de Aracaju/SE. Os locais definidos para a realização das entrevistas foram estabelecidos de acordo com a preferência dos participantes, garantindo, assim, a privacidade, o sigilo e o silêncio necessário. As entrevistas foram transcritas e tratadas através da Análise Textual Discursiva sistematizada por Moraes e Galiazzi (2003)

### Resultados e Discussão

Como este artigo é fruto de um recorte do projeto de pesquisa intitulado Inserção da Psicologia Escolar na educação básica em Aracaju/SE: Formação; contextos e práticas, será exposto aqui apenas o item correspondente aos objetivos desta pesquisa, o qual responde a seguinte pergunta: Por que ainda existem instituições de ensino que não contratam psicólogos

Importante salientar que os respondentes atuam em escolas particulares, cumprindo uma carga horária que varia entre 15 e 20 horas semanais. Todos são do sexo feminino e têm entre 3 a 20 anos de experiência na função. Os entrevistados serão identificados com uma letra do alfabeto, escolhida aleatoriamente, com vistas a respeitar os procedimentos éticos de sigilo.

Ao responderem a questão supracitada, as respostas concentraram-se em duas categorias a saber: falta de esclarecimento e preconceito. Na categoria “falta de esclarecimento”, algumas das respostas foram:

É uma pena, mercado de trabalho fechado para algumas áreas e eu acredito que é **falta de esclarecimento**. (Entrevistada C.)

Por **não saber a importância** e não conhecem a atuação do psicólogo escolar. Às vezes os donos das escolas, se a gente não precisa, é preciso demonstrar a necessidade a demanda que é precisa. (Entrevistada F.)

Infelizmente é falta de **esclarecimento**! A pessoa tem a ideia de psicólogo que é clínico, que o psicólogo é aquele que fica no consultório que fala e as famílias também, então se a gente não vai estabelecendo dizendo a eles qual é o nosso papel o que a gente faz, como é que vão ver a necessidade disso. (Entrevistada R.)

Possivelmente esta falta de esclarecimento tenha raízes na construção histórica da psicologia, muito arraigada na ideia de que o espaço de atuação do psicólogo é na clínica, e que este profissional, ao ingressar no universo escolar, deve levar tais conhecimentos e forma de ação, agindo, portanto de forma a analisar, diagnosticar e tratar os problemas de caráter emocional, geralmente, de forma individualizada (AZEVEDO, 2000; BOCK, 2003). No artigo intitulado “Estágio supervisionado em Psicologia Escolar: desmistificando o modelo clínico”, Lima (2004) pontua relatos dos estudantes sobre o que as escolas demandavam deles, ao passo que a autora assevera que

O que mais chamou a atenção é a grande ênfase no modelo clínico da Psicologia escolar. Os alunos foram mobilizados, em um primeiro momento, para darem conta de problemas comportamentais apresentados pelas crianças – segundo os/as professores/as e educadores/as, indisciplina, hiperatividade, carência afetiva, suposição de maus tratos, etc. Em outras palavras, a necessidade dos professores/educadores era a de que essas crianças fossem atendidas individualmente pelos alunos, no sentido de adequação de seus comportamentos. É como se a função do psicólogo escolar fosse consertar o que se encontra estragado no aluno (neste caso, a criança). (LIMA, 2004, p.8)

A autora continua sua explanação, alegando que tal ideia vai ao encontro das expectativas dos CEINFs, isto é, a crença de que a

Função da Psicologia na escola é elaborar diagnósticos das crianças e tratá-las, para adequá-las, em vez de realizar um trabalho de desconstrução de representações, de reflexão junto ao professor e à criança sobre as relações estereotipadas existentes na instituição, fundamentadas em crenças que colocam o distúrbio de comportamento da criança como ponto central. (LIMA, 2004, p.8)

Esta idéia, disseminada no senso comum, reforça a concepção culturalmente difundida sobre a psicologia na escola: o foco no aluno como o sujeito-problema.

A atuação do psicólogo escolar era, marcadamente, remediativa e focalizada no indivíduo, uma vez que a tendência psicométrica predominava, enquanto a prática da Psicologia se apoiava na aplicação de testes. Nessa tentativa de participar do corpo administrativo escolar, o psicólogo precisava limitar-se ao cliente-aluno, evitando interferir nas decisões docentes, como se o seu campo de estudo pudesse estar alheio à influência do ambiente. Entretanto, os problemas escolares como evasão, repetência, diferenças sociais, associados aos avanços da ciência, levaram o psicólogo a buscar um outro nível de contribuição eficaz. (VALLE, 2003, p.5)

A falta de esclarecimento sobre o que a psicologia pode fazer na atualidade acaba por afastar os profissionais das escolas e contribui para a emergência do preconceito, segunda categoria também abordada como justificativa para a não contratação do profissional de psicologia, como asseveram os entrevistados abaixo.

Acredito que ainda haja um grande **preconceito** mesmo, eles acham que tendo um psicólogo dentro da escola podem fazer muitas intervenções, muitas mudanças, por isso ficam com medo desse novo. (Entrevistada A.)

Eu acho que ainda existe um **preconceito**, isso eu vou falar aqui dentro de Aracaju, outras realidades eu não conheço muito bem. (...) as pessoas criam aquele estigma que o psicóloga está ali te analisando, que eu estava lá para analisar o comportamento de todo mundo, que eu ia resolver com a “varinha mágica” ... Até hoje as vezes o professor procura você e fala: fulano está assim... Como se eu tivesse uma varinha que faz mágica. Então eu acho que ainda existe esse preconceito, com relação do psicólogo, seja onde ele estiver, mas acho que aos poucos vem sendo quebrado e eu tenho esperança que isso quebre cada vez mais, essa ideia de que psicólogo é para doido, é um termo bem pejorativo. (Entrevistada G.)

É **preconceito!** Psicólogos assustam, porque no fundo no fundo todo mundo sabe que vai dar uma cutucada naquela ferida, que às vezes a gente não quer mexer. Então eu acho que às vezes as instituições, e eles sentem isso, sabem disso, pensando na Instituição escola tem um fator a mais, que é a escola é cheio de mestres, de pessoas que sabem, como professor, não só o professor mas como a escola como um todo, os profissionais têm um pouco dessa característica de ser do saber, de se acharem detentores do saber. Eu sei como ensinar uma criança porque eu sou professor. (Entrevistada K.)

Os depoimentos acima se inserem na alçada das representações culturalmente construídas sobre a psicologia. As representações sociais, para Moscovici, são "...o conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais " (1981, p.47). Em suma, são crenças, valores, modos de ser e pensar construídos socialmente e que definem ou direcionam nossas relações com o mundo. Assim, as representações sociais comumente proferidas sobre a psicologia perpassam a idéia de uma profissão onde o sujeito é capaz de promover mudanças, mesmo que o outro não deseje; de resolver magicamente problemas; de analisar o outro, em busca do que este pensa e/ou sente e que irá expor os problemas, desvendando o que – institucionalmente ou subjetivamente – deveria estar escondido, camuflado.

Cabe destacar a idéia de onipotência que paira sobre a profissão, vista como uma ciência capaz de mudar, melhorar, resolver a vida e as relações estabelecidas, culminando na representação atribuída ao psicólogo de "adivinhar o que os outros pensam", fato que efetivamente assusta aqueles que não querem olhar para suas vicissitudes.

Houve, ainda, dois respondentes que atribuíram a não contratação do profissional de psicologia em decorrência do custo:

Assim, pela realidade de Aracaju é **o custo**, talvez eles achem que não é um investimento tão bom, aí colocam, talvez, um coordenador bom, que supra isso, para tentar dar esse jeitinho, colocam palestras isoladamente com o psicólogo, que não está inserido nessa linha escolar, mas contrata, para fazer palestras de acordo com a demanda dos pais, que é prejudicial porque é preciso que o profissional esteja ali na cultura, respire aquilo ali, que aí sim a gente consegue trabalhar. (Entrevistada D)

Na fala acima é possível depreender que não se trata apenas do custo, mas da idéia de que não vale a pena ter um psicólogo, voltando, portanto, às categorias anteriores de falta de esclarecimento e preconceito.

Ora, se a questão versa sobre preconceito e falta de esclarecimento sobre o papel do psicólogo nas escolas, o que pode ser feito A entrevistada J aponta caminhos, os quais foram corroborados pelos outros respondentes.

Eu acho que depende muito de nós psicólogos de mostrar a importância, precisamos se autovalorizar, a gente precisa dizer a escola a importância de um profissional de psicologia dentro desse ambiente, porque infelizmente a pessoa tem a ideia de psicólogo que é clínico, que o psicólogo é aquele que fica no consultório que fala e as famílias também, então se a gente não vai estabelecendo dizendo a eles qual é o nosso papel o que a gente faz, como é que vão ver a necessidade disso, e eu posso dizer a você que eu estou bem mais feliz do que quando eu saí da faculdade, porque hoje a gente vê que em sua maioria as escolas elas tem psicólogos, mais ainda é algo que a gente não tem na nossa cidade uma especialização na psicologia escolar, a gente tem pouquíssimos cursos. Temos uma associação que é a ABRAPE que aborda a psicologia escolar e educacional e depois de anos a gente conseguiu ter um congresso aqui em Salvador porque é sempre fora no sul, então ainda existe pouco investimento dos profissionais para valorizar a psicologia escolar.

(Entrevistada J.)

A narrativa acima coloca-nos frente à importância da responsabilização do profissional em defender seu espaço por meio do esclarecimento sobre o seu papel, todavia, é possível indagar se este papel é claro para os próprios profissionais.

De acordo com a Resolução 13/2007 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), o psicólogo que exerce atividades no âmbito escolar deve realizar uma gama de atividades que perpassam e ultrapassam as atividades anteriormente desenvolvidas, como, por exemplo: Pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou corretiva em grupo e individualmente. A dimensão da pesquisa imprime uma característica investigativa, retirando do estudante e família a única responsabilidade pelos problemas existentes. (BRASIL, 2007)

O Conselho Federal de Psicologia preconiza, também, o envolvimento de todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino- aprendizagem, considerando as características do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente e demais elementos do sistema. Ademais, deve realizar seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação, colaborando com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. (BRASIL, 2007)

Conforme a Resolução do CFP, o profissional de psicologia que exerce atividades em instituições de ensino deve atuar, ainda, no âmbito administrativo, contribuindo na análise e intervenção no clima educacional, buscando melhor funcionamento do sistema que resultará na realização dos objetivos educacionais. (BRASIL, 2007)

Dentre suas atividades, além das anteriormente descritas, espera-se que o psicólogo participe de programas de orientação profissional com a finalidade de contribuir no processo de escolha da profissão e em questões referentes à adaptação do indivíduo ao trabalho. (BRASIL, 2007)

No que concerne à inclusão de sujeitos com deficiência, é papel do profissional de psicologia analisar as características destes, a fim de orientar a aplicação de programas especiais de ensino. (BRASIL, 2007)

Diante do exposto, observa-se o quanto as atribuições do psicólogo escolar ampliaram-se e flexibilizaram-se ao longo dos anos, sem, contudo, alcançar o cotidiano escolar da forma como se espera. Tal fato sinaliza para um olhar mais atento aos cursos de formação, indagando se os espaços formativos iniciais estão preparando os estudantes para levar tal conhecimento para as escolas de educação básica.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. Volume 12 Número 2 Julho/Dezembro de 2008. P. 469-475. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572008000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000200020)> Acesso em: 06.jul.2018

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia (2007). **Resolução nº 13/2007**. Disponível: [http://www.site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao\\_CFP\\_nx\\_013-2007.pdf](http://www.site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf) [ Links ]

LIMA, Aline Ottoni Moura Nunes de. BREVE HISTÓRICO DA PSICOLOGIA ESCOLAR NO BRASIL. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 42 p. 17-23, jul./set. 2005. Disponível em: Acesso em: 16.jul.2018

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicol. esc. educ.**, Campinas , v. 13, n. 1, p. 179-182, jun. 2009 . Disponível em . acessos em 05 jul. 2018.

PETRONI, Ana Paula; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. Psicologia Escolar: análise sobre dificuldades e superações no Brasil e Portugal. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 21, n. 1, p. 13-20, abr. 2017 . Disponível em . acessos em 15 jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-353920170211950>.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v.12, n.1, p.117-128, 2003

Azevedo, A. C. P. **Psicologia escolar: o desafio do estágio**. Lorena, SP: Editora Stiliano, 2000

Bock, A. M. B. A psicologia hoje: formação, ciência e profissão. In I. B. Leão (Org.), **Educação e psicologia: reflexões a partir da teoria sócio-histórica** (pp. 13-24). Campo Grande: Editora UFMS, 2003

LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça. Estágio supervisionado em Psicologia Escolar: desmistificando o modelo clínico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 29, n. 3, p. 638-647, 2009 . Available from Acesso em: 06.jul.2018

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do. Psicologia escolar: um duplo desafio. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 23, n. 1, p. 22-29, Mar. 2003 . Available from . Acesso em: 16.jul.2018